

## O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO EDUCATIVO LUANDENSE: UMA FORMA DE EXCLUSÃO SOCIAL

### CASO DO COMPLEXO ESCOLAR Nº 6080 DO Iº E IIº CICLOS DA CENTRALI- DADE DO ZANGO 8000

**Autor:** Sérgio Felisberto da Silva | [tchikala97@gmail.com](mailto:tchikala97@gmail.com) | Faculdade de Serviço Social da Universidade de Luanda |  
ORCID ID: 0000-0002-4877-326x.

#### RESUMO

O presente artigo científico intitulado "O preconceito linguístico no contexto educativo luandense: uma forma de exclusão social / Caso do Complexo Escolar nº 6080 do Iº e IIº Ciclos da Centralidade do Zango 8000", é fruto de uma pesquisa realizada na instituição supracitada.

Verificou-se, várias vezes, à saída ou à entrada dos alunos na instituição escolar já mencionada, situações que constiuem um preconceito linguístico, por exemplo, de ridicularização, bullying e outros a alunos que se expressavam com sotaque regional ou fora do português padrão, e em alguns casos causava um mal estar a estes. Esta foi situação pela qual está na base este artigo científico.

Este artigo reflecte sobre o preconceito linguístico, no contexto educativo luandense e, é de carácter bibliográfico, associado à pesquisa de campo, incluindo um questionário com perguntas abertas dirigido aos professores e o outro tipo com perguntas abertas e fechadas aos

alunos. Constatou-se que apesar de não ser muito perceptível, no entanto existe no espaço escolar, com grandes implicações não só na vida dos alunos, mas também na de alguns professores. Neste sentido, verificou-se que este tipo de preconceito faz com alunos sejam inibidos em exteriorizar aquilo que sabem, por ter receio de serem rotulados ou ridicularizados pelos seus colegas e professores por causa da sua forma de falar que se afasta de forma mais ou menos acentuada da norma padrão. Porém, este fenómeno na óptica de muitos alunos e professores não é motivo de abandono escolar.

Apontaram-se várias soluções para diminuir o preconceito linguístico, nomeadamente a intervenção da escola, que passa pela formação de qualidade e inclusiva; pela família, já que é a instituição onde os alunos começam a dar os primeiros passos para a vida; e pela comunicação social, por ser um espaço privilegiado de grande alcance para a disseminação de várias temáticas candentes da sociedade, entre outras.

**Palavras-chave:** preconceito linguístico, contexto educativo, exclusão social.

## ABSTRACT

This article reflects on linguistic prejudice in the educational context of Luanda, and is of a bibliographic nature, associated with field research, including a questionnaire with open questions addressed to teachers and the other type with open and closed questions to students. It was found that although it is not very noticeable, it nevertheless exists in the school space, with major implications not only for the lives of students, but also for some teachers. In this sense, it was found that this type of prejudice causes students to be inhibited in expressing what they know, for fear of being labeled or ridiculed by their colleagues and teachers because

of their way of speaking, which deviates more or less from accentuated from the standard norm. However, this phenomenon, from the perspective of many students and teachers, is not a reason for school dropout.

Several solutions were suggested to reduce linguistic prejudice, namely school intervention, which includes quality and inclusive training; by the family, as it is the institution where students begin to take their first steps in life; and through social communication, as it is a privileged and far-reaching space for the dissemination of various burning themes in society, among others.

**Keywords:** linguistic prejudice, educational context, social exclusion.

## INTRODUÇÃO

As diferenças sociais, económicas, culturais, raciais, linguísticas entre outras, muitas vezes, originam uma certa rejeição, preconceito, discriminação, exclusão no círculo de amizade, na comunidade, na escola e noutros espaços de interação à pessoas desfavorecidas ou com grau de escolaridade baixo.

Este artigo faz referência, primeiramente, ao preconceito, definindo-o, destacando alguns aspectos, nomeadamente os tipos ou modalidades de preconceitos, como ocorre, factores e as suas consequências. Por outro lado, aborda-se alguns mitos do preconceito linguístico, recorrendo ao pesquisador brasileiro

Marcos Bagno, no entanto, contextualizando de acordo com a realidade angolana.

Em seguida, alude-se ao preconceito linguístico no contexto educativo luandense, procurando entender como ocorre nas escolas, particularmente no Complexo Escola nº 6080, além disso, fazendo uma incursão sobre o impacto que o mesmo tem na aprendizagem dos estudantes. Em seguida, fala-se de soluções a serem adoptadas pelas escolas e também pela sociedade para que se combata este fenómeno.

## DEFINIÇÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Olhar o outro sob a nossa perspectiva sem se importar com ele, ou seja, sem conhecê-lo melhor faz com que se caia numa visão distorcida sobre o mesmo, o que pode, pois, resultar em opiniões apressadas e sem fundamentos, dando origem ao preconceito. O preconceito como tal, não é um fenómeno novo. Já ocorre desde os primórdios da humanidade, pois, em certas comunidades primitivas, o estranho à comunidade era tratado de forma indiferente, ou seja, aceitar as diferenças e as diversas formas de estar, de ser e de falar tem vindo, ao longo dos séculos, a revelar-se uma árdua tarefa para o ser humano. Perante a diversidade surge a tensão, a intolerância, o preconceito (Fernandes, 2013).

Portanto,

*O preconceito é, antes de mais, uma concepção preconcebida sobre outrem ou algo e sem fundamento, ou seja, como a própria palavra deixa entrever; é um conceito prévio, um conceito sobre algo ou alguém que se estabelece antes que qualquer relação de conhecimento ou de análise se estabeleça. É um conceito apressado, uma opinião, descrição, uma explicação, uma caracterização que vem antes de qualquer esforço verdadeiro, no sentido de se entender o outro, o diferente, o estrangeiro, o estranho, em sua diferença e alteridade (Júnior, 2012, p.11).*

De facto, o preconceito, segundo o autor em referência, é decorrente de uma relação em que não se tem um conhecimento prévio a respeito do outro. Não se faz esforço em conhecê-lo para depois emitir uma opinião. Neste caso, não se

tem em atenção o outro lado.

A lista de preconceitos é enorme, aqui faz-se menção a alguns, nomeadamente, o preconceito racial, religioso, étnico, sociocultural, contra o analfabeto e linguístico. De todos os preconceitos mencionados, há um que quase que não se fala, excepto no mundo académico e algumas vezes na comunicação social, o preconceito linguístico, portanto, *"um preconceito particularmente subtil, quase imperceptível para uns e negado por outros, é o que se manifesta relativamente à forma como o indivíduo usa a linguagem [...] "* (Fernandes, 2013, p.21).

**O preconceito linguístico** é aquele que é gerado em função das diferenças linguísticas dentro de uma língua. De acordo com Scherre (citada em Fernandes, 2013, p.26), *"o preconceito linguístico é mais precisamente o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, consequentemente, humilhante da fala do outro (embora o preconceito sobre a própria fala também exista) "*.

Importa ressaltar que as variedades linguísticas que sofrem, efectivamente, preconceito linguístico são aquelas associadas a camadas desprestigiadas da hierarquia social, ou ainda, a pessoas vindas do interior ou áreas rurais, tal como aflora Scherre (citada em Abraçado 2008)

as variedades linguísticas mais sujeitas a preconceito linguístico são, normalmente, as que possuem características associadas a grupos de pessoas com menos prestígio na escala social ou a grupos de pessoas da área rural ou do interior do país. Este fato decorre do sentimento

de superioridade - muito claro na mídia - dos grupos vistos como mais privilegiados, económica e socialmente. (Abraçado, 2008, pp.12 - 13).

No contexto luandense, nota-se esta atitude em relação às pessoas provenientes do interior e das zonas periféricas da cidade. Além do preconceito linguístico, essa atitude depreciativa gera discriminação linguística e exclusão social a essas pessoas.

Aqui, são analisados alguns mitos do preconceito linguístico do livro de Marcos Bagno (2011, pp.27 - 128), com o título: *Preconceito linguístico/o que é, como se faz*, onde cita os mitos do preconceito linguístico, em função do contexto angolano, que a seguir se enumera:

### **1º Mito: "O português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente"**

No que toca a este mito, em Angola não se considera que o português falado seja homogêneo, uma vez que apresenta algumas especificidades por causa das línguas nacionais ou regionais. Além disso, vale sublinhar que a *"língua portuguesa, ao longo dos séculos, foi-se espalhando pelas mais diversas regiões do mundo. Por isso, inevitavelmente, tem de apresentar variações a todos os níveis: fonético, morfológico, lexical, sintáctico e semântico"* (Santos e Filho, 2014, p.30).

Ainda, os mesmos autores (op cit. p. 29) acrescentam que *"a língua não pode ser imutável, mas pelo contrário, tem de viver em perpétua evolução"*. Este mito não faz sentido no contexto linguístico angolano. Assim sendo, a escola deve exercer o seu papel sobre o reconhecimento das diferentes variedades do português, tal como ressalta Fernandes(2013,p.30)

*"Há que reconhecer a existência de muitas normas linguísticas diferentes da ensinada na sala de aula para compreender as dificuldades com que se depara o aluno proveniente de ambientes sociais onde a linguagem usada no quotidiano é bem diferente da veiculada pela escola"*.

Porém, as escolas, em alguns casos, não têm em atenção a existência de diferentes variedades linguísticas, por isso é que acontecem muitas reprovações na disciplina de português. Ainda há uma franja de intelectuais que pensa que a língua portuguesa deve ser articulada como os portugueses a falam, sem ter em consideração as especificidades culturais e linguísticas das pessoas.

### **2º Mito: "Brasileiro não sabe falar português/ Só em Portugal se fala bem português"**

Nota-se que são, na sua maioria, os professores de níveis superiores que reclamam que os estudantes não sabem falar correctamente o português. Por causa disso, observa-se um nível alarmante de reprovações. Não se tem tido em conta a influência das línguas nacionais na forma de falar dos alunos, por um lado; por outro lado, no seu dia-a-dia, em casa usa uma variante do português diferente da que é articulada na escola. Esta situação cria alguns ou muitos constrangimentos na aprendizagem da variante padrão, pois resulta numa fraca assimilação.

As diferenças entre o português de Portugal e o de Angola vão sempre existir, pelo facto de a língua sofrer mutações nos seus vários domínios, principalmente regionais. Por outras palavras, o português de Angola apresenta especificidades no plano fonético, fonológico, lexical,

morfológico, sintáctico. Por exemplo, no plano sintáctico, a tendência é de colocar na frase primeiro o verbo e depois o advérbio: estás onde?, enquanto que no português europeu seria : onde estás tu? Logo, a estrutura frásica é Circunstante + verbo+sujeito. Isso ocorre por causa da influência das línguas nacionais, em que se pode inverter a ordem da estrutura frásica, conforme se pode verificar nos exemplos das línguas umbundu e kimbundu :

1. Umbundu : Okasi pi ?  
( estás onde ? )
2. Kimbundu : Woya kwehi ?  
( estás onde ? )

Ou seja, a tendência de muitos falantes é de falar o português recorrendo à estrutura das línguas maternas, como demonstrado nos exemplos supracitados. Por isso, não faz sentido este mito, na medida em que, a língua sofre mutações nas regiões em que é falada.

### 3º Mito: "Português é muito difícil"

Na verdade, a língua portuguesa não é difícil, mas a forma como é ensinada, por conseguinte, é que a torna difícil. E, além disso, o português falado por muitos alunos distancia-se muito do daquele que é falado na escola, por isso é que estes o acham difícil. Aliado a isso, os professores que a ensinam, muitos têm algumas insuficiências do ponto de vista metodológico, didáctico e pedagógico, por isso, são necessárias acções formativas sistemáticas, para colmatar essas insuficiências. Logo, escolas de formação de professores a nível superior devem prestar maior atenção na formação de professores de línguas, tendo sempre em atenção o contexto bilingue do aluno.

Neste contexto, Goodman (citado em Azevedo 2010, p.17) apresenta alguns pressupostos que fazem com que a língua seja fácil de se aprender, ou muitas vezes difícil, como ilustra o quadro posterior.

O QUE FAZ COM QUE A LÍNGUA SEJA FÁCIL E, POR VEZES, DIFÍCIL DE APRENDER	
É fácil aprender uma língua quando...	É difícil aprender uma língua quando...
É real e natural	É artificial
Está integrada	Está fragmentada
Tem sentido	Não tem sentido
É interessante	É aborrecida
Pertence ao aluno	Pertence aos outros
É relevante	É irrelevante para o aluno
É um facto real	Está fora do contexto
Tem utilidade social	Não tem utilidade social
Tem um propósito: serve para alguma coisa	Não serve para nada
É o aluno quem escolhe utilizá-la	É imposta pelos outros

É acessível ao aluno	Não é acessível
O aluno tem poder para a utilizar	O aluno não tem poder de a utilizar

Relativamente aos pressupostos aflorados acima, com destaque aos da coluna esquerda, se forem tidos em atenção pelos professores de português, a aprendizagem da língua portuguesa não seria difícil pelos alunos e o índice de reprovações que se registam em muitas instituições escolares poderia diminuir.

**8º Mito: “O domínio português da norma – padrão é instrumento de ascensão social”**

No contexto angolano, o domínio da língua portuguesa é, de facto, motivo de ascensão social, tal como assevera Carvalho:

*Convém sinalizar (...) um outro factor importante para a ascensão (...)*

*é o domínio da língua portuguesa. O aumento da competência linguística nessa língua faz com que se evite a utilização de código restrito da língua portuguesa com elementos provenientes das línguas regionais / Carvalho 1999/ e possibilita uma rápida ascensão até aos escalões intermédios da hierarquia social (Carvalho, 2004, p.69).*

No entanto, é preciso dar valor às pessoas que se expressam noutras variedades da língua portuguesa; não significa que não sejam inteligentes, pelo facto de não falarem perfeitamente a norma padrão do português. Logo, os falantes que não se expressam neste idioma, são excluídos socialmente.

## O IMPACTO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM

Na sociedade luandense, quase que não se fala dos efeitos do preconceito linguístico na aprendizagem das crianças, dos adolescentes e dos jovens. É necessário que este fenómeno não seja posto de parte na hora de analisar o insucesso e abandono escolar.

Raras vezes se fala sobre o preconceito linguístico nas instituições de ensino da cidade de Luanda. Muitos estudantes luandenses sofrem com este tipo de preconceito há muito tempo, pois muitos deles sofrem preconceito linguístico causado pelos seus professores e seus próprios colegas. Na verdade, esta situação tem repercussão nas suas aprendiza-

gens, por conseguinte quando um aluno se expressa com sotaque marcadamente regional, ou seja, não usa na sua fala o português padrão, é ridicularizado pelos outros e até pelos seus professores.

Os estudantes nessa condição sentem-se excluídos do convívio dos colegas, não conseguem expor as suas inquietações, emoções, opiniões, porque sentem o receio de serem menosprezados pelo professor e pelos seus colegas. Sendo assim, têm imensas dificuldades em assimilar não só a disciplina relacionada com a língua portuguesa, mas também as outras disciplinas. De facto, esta situação origina baixo rendimento escolar

aos alunos vítimas deste preconceito. Acrescenta-se a isso, o facto de o estudante não se sentir motivado a participar das aulas.

Do ponto de vista psicológico, o estudante tem fobia de expressar-se durante as aulas, porque pensa que será motivo de bullying por parte dos colegas e sofrerá severas correcções por parte do professor. Logo, mesmo que tenha algo para dizer não o faz. Vale ressaltar que, a incapacidade de falar uma língua gera, igualmente, abandono escolar.

fessores devem ser os primeiros a identificar este tipo de preconceito e propor soluções, para que a escola seja um espaço de tolerância e de inclusão, onde todos se sintam parte integrante, capazes de compreender que, em todas as comunidades, as pessoas têm várias opções linguísticas e as mesmas podem ser usadas em diferentes contextos situacionais. Procedendo deste modo, além de eliminar este tipo de preconceito, estar-se-ia a combater a discriminação, a intolerância, a exclusão social, sobretudo o preconceito linguístico.

No caso que referimos acima, os pro-

---

## MÉTODOS E MATERIAIS

O estudo baseou-se numa pesquisa bibliográfica, associada a uma pesquisa de campo, igualmente é um estudo de caso, pelo facto de tratar o preconceito linguístico ao nível do Complexo Escolar nº 6080 do Iº e IIº Ciclos da Centralidade do Zango 8000, com destaque para os alunos do IIº Ciclo.

Para recolha de dados deste estudo recorreu-se ao questionário, que foi dirigido aos professores de Língua Portuguesa; e aos estudantes um questionário com perguntas fechadas e uma aberta. É importante assinalar que os professores que foram selecionados para este estudo, foram aqueles têm uma formação relacionada com a língua e linguística africana e portuguesa. Ainda, houve uma certa resistência e disponibilidade de certos professores em responder ao questionário, pois dos 5 visados só 3 (três) responderam ao questionário, igualmente sucedeu com os estudantes do ensino médio, pois não foi possível obter um número considerável de respostas, tendo em conta o universo de estudantes. Por conseguinte dos 10 seleccionados, 9 responderam ao questionário. Ainda, no que tange às questões colocadas, tiveram dificuldades imensas de responder, principalmente a de carácter aberta.

---

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa buscou-se analisar o preconceito linguístico no Complexo Escolar do Iº e IIº Ciclos nº 6083 – Distrito Urbano da Bela Vista, na Centralidade do Zango 8000, no município do Icolo e Bengo, que se objectivou saber a ideia que os professores de Língua Portuguesa tinham sobre o preconceito linguístico, o seu impacto na vida escolar dos seus alunos, medidas que devem ser tomadas para acabar com esse tipo de preconceito, e também discorrendo sobre alguns

aspectos da norma padrão da língua portuguesa. Igualmente, foram indagados vários estudantes sobre a percepção que têm a respeito do preconceito linguístico.

Abaixo são elucidadas, primeiramente, as respostas dadas pelos professores de Língua Portuguesa; e, em seguida, as respostas dos estudantes e a sua respectiva análise, que ilustram os resultados desta pesquisa.

**Quadro nº 1:** Considerações do português padrão como a única norma correcta que deve ser ensinada na escola

Professor nº1 Não, tendo em conta os hábitos e costumes e a tradição angolana deviam ser ensinada outras variantes do português;

Professor nº 2 Não, como o diz “padrão” não é permanente, entretanto cingi – se somente no ensino padronizado é esquecer a identidade de outros grupos linguísticos;

Professor nº 3 Não, o ensino da língua portuguesa deve ser em função do contexto da língua.

**Fonte:** Pesquisa do Autor

Relativamente a esta questão, os professores aludem que a norma padrão não é a única que deve ser ensinada na escola, mas também afirmam que o ensino da língua portuguesa deve ser feito em função do contexto, e tendo em atenção os aspectos culturais dos falantes que a articulam, além disso é necessário atender ao facto de que a escolha das formas de expressão depende da situação em que a pessoa se encontra (Álvares, 2001), logo a escola deve ensinar todas as formas de expressão para que o aluno não tenha dificuldade em usar a língua em diferentes contextos situacionais.

**Quadro nº 2:** Noção de fala sobre preconceito

Professor 1: Sim, sobretudo nalgumas regiões onde não se fala português;

Professor 2: De facto, preconceito linguístico é associar um todo ao individuo por ser falante de uma língua que acha que inferioriza outrem;

Professor 3: Já, na obra do brasileiro Marcos Bagno.

**Fonte:** Pesquisa do Autor.

Nesta questão, os professores assinalam que já ouviram falar do preconceito linguístico, ainda, acrescentam que este fenómeno ocorre sobretudo onde não se fala

português, e um dos professores acrescenta que tomou conhecimento por intermédio da obra de um linguísta brasileiro.

**Quadro nº 3:** Quando um aluno se expressa de forma diferente da norma padrão, o que o senhor professor faz?

Professor 1: Face as variações e normas do padrão linguístico, o professor deve situar o aluno de forma a expressar -se bem;

Professor 2: Bem, não há uma única resposta para essa questão, não obstante, identifico o aluno, a língua materna, comunidade em que se insere, depois faço -o perceber porque o que proferiu é um desvio a norma, sem hostilizá -lo;

Professor 3: Acho isso normal por causa das variedades linguísticas.

**Fonte:** Pesquisa do Autor.

Nesta questão os professores expressam a necessidade de situar o aluno de como se deve expressar corretamente, tendo em conta a norma padrão e as variedades linguísticas. Expressar -se bem, significa igualmente ter competência em articular e fazer uso das diferentes formas de expressão. Neste sentido, a escola ao ensinar o aluno, deve atender ao facto que além da norma padrão que é ensinada na escola, deve -se ter em conta as outras variantes da língua, e respeitar aqueles que as falam (Araújo, 2017).

**Quadro nº 4:** Presença diante de um caso de preconceito linguístico e atitude do Professor

Professor 1: Já sim, a minha actitude cingiu - se em corrigir esse desvio comportamental do preconceito;

Professor 2: Diversas vezes, procuro sempre argumentar com exemplos sólidos de que este procedimento é neocolonialismo;

Professor 3: Já, reprovei categoricamente.

**Fonte:** Pesquisa do Autor.

Os professores adiantaram que já presenciaram situações que configuravam preconceito linguístico, por um lado, por outro lado, reprovam e corrigem situações desta natureza, assim diante disso devem ser modelos de correção, ou seja, é "preciso uma conscientização por meio dos professores para que não sejam eles mesmos os transmissores do preconceito linguístico e da discriminação" (Op.cit, 2017, p.15). Neste caso, apela - se aos professores para que sejam os primeiros a reprovarem o preconceito linguístico, ou seja, a não serem os transmissores deste tipo de preconceito.

**Quadro nº 5:** Contribuição do preconceito linguístico para o insucesso escolar ou abandono escolar

Professor 1: Não, apenas contribui para o insucesso escolar . Quando o mesmo é recorrente, às vezes, provoca o abandono escolar;

Professor 2: Certamente, pois o preconceito linguístico leva ao desprezo da própria pessoa;

Professor 3: Sim.

**Fonte:** Pesquisa do Autor.

Os docentes admitem que o preconceito linguístico não provoca o insucesso escolar, e só ocorre o abandono escolar se for uma prática reiterada no quotidiano escolar. Na verdade, na instituição em questão não foi comprovado que algum aluno tenha tido insucesso ou abandonado os seus estudos por causa do preconceito linguístico. Porém,

*O preconceito linguístico dentro do sistema educacional pode colocar as crianças em uma posição injusta e desfavorecida, na qual se sentem inerentemente inferiores e incompetentes por algo sobre o qual não tiveram controle: são levadas a sentir desde cedo que sua fala é ruim e errada, e, conseqüentemente, eles próprios e suas famílias são de alguma forma ruins e têm menos valor do que os outros (O'Neill e Massini-Cagliari,2021 p.225).*

Assim, o sistema educacional deve evitar que as crianças, adolescentes e igualmente os adultos não se sintam numa posição injusta e desfavorecida, no entanto deve colocá - los numa posição em que se sintam incluídos e livres de se expressar.

**Quadro nº 6:** No seu entender o preconceito linguístico é uma forma de exclusão social ?

Professor 1: Não;

Professor 2: Sim, porque a pessoa é a língua que fala, os códigos e os signos são intrínsecos;

Professor 3: Sim.

**Fonte:** Pesquisa do Autor.

No entender dos dois professores pensam que o preconceito linguístico é uma forma de exclusão social, na medida em que " (...) o preconceito linguístico atua de forma mais forte na exclusão dos grupos nativos de variedades menos prestigiadas da língua portuguesa" (Abraçado, 2008, p.17). Assim, os professores ao ensinar os alunos, sobretudo àqueles das variedades fora da variante padrão, a mensagem

a ser passadas é que todas variedades são aceites na sociedade, entretanto eles devem ter em conta o contexto em que devem ser articuladas. Ainda, é importante destacar que todas variedades de uma língua cumprem com o seu objectivo que é expressar o pensamento por meio da linguagem.

**Quadro nº 7:** Medidas a ser tomadas nas escolas para combater o preconceito linguístico?

Professor 1: Realizando palestras , ressaltando a importância do domínio da língua;

Professor 2: A princípio o professor de língua tem de ter a base das línguas bantu, só assim poderá compreender melhor os fenómenos e promoção de debates;

Professor 3: Devemos expandir a literacia linguística, sobretudo a que está virada para a linguística africana.

**Fonte:** Pesquisa do Autor.

A despeito desta questão, os professores apontam várias medidas para combater o preconceito linguístico, nomeadamente a realização de palestras que promovam o domínio da língua, a compreensão das línguas de matriz bantu para melhor promover debates e, ainda assinalam a possibilidade de expandir a literacia linguística, relacionada com a linguística africana. Igualmente, para combater o preconceito linguístico pode – se fazer recurso

*As teorias lingüísticas (...) no combate ao preconceito lingüístico pelo fato de que elas têm condição de propiciar um conhecimento dinâmico e aberto dos fenômenos que envolvem a linguagem humana. Todavia, elas por si sós não têm poder para combater o preconceito lingüístico se não evidenciarem que, da forma em que a sociedade está organizada, as discussões que envolvem a linguagem são essencialmente políticas. As teorias lingüísticas são teorias, e não dogmas, que estão buscando entender a natureza multifacetada da linguagem e das línguas humanas, em toda a sua amplitude. É na sua capacidade de olhar o fenômeno da linguagem nos seus diversos ângulos que vejo a riqueza das teorias lingüísticas. (Op.cit, 2008, p.19).*

Ademais, vale assinalar que, as teorias linguísticas não podem constituir-se como factores dogmáticos no estudo das línguas, no entanto que estas tenham em conta o dinamismo das línguas e sociedades para melhor combater o preconceito linguístico e a discriminação linguística.

**Quadro n.º 8:** Análise do questionário aplicados aos alunos

Questões	Respostas
Conhecimento sobre preconceito linguístico	No que toca a esta questão, a totalidade dos alunos afirmaram que já ouviram falar do preconceito linguístico.
Ter sofrido algum preconceito por falar de modo diferente ou errado	Quanto a esta questão, 6 alunos afirmaram que já sofreram preconceito linguístico, 1 disse que nunca passou por essa situação, enquanto que 1 aluno afirmou talvez tenha sofrido algum preconceito e 1 afirmou que nunca sofreu algum preconceito por falar diferente ou errado.
Sentimento dos alunos quando são corrigido pelo professor ou colegas a frente dos outros	Um estudante respondeu que se sente mal quando corrigido diante dos seus colegas; 8 estudantes afirmaram que achavam normal ser corrigido pelos professores diante dos seus colegas.
Constatação de algum colega que sofreu preconceito linguístico por falar com sotaque regional	Dos nove alunos questionados, oito afirmaram que já viram um colega que sofreu preconceito linguístico por falar com sotaque regional; e um disse que nunca viu.
Utilização de calão ou gíria para falar com os seus colegas de sala de aula	Relativamente a esta questão, 7 estudantes foram unânimes em afirmar que usam o calão ou a gíria com os colegas na sala de aula, e 2 estudantes afirmaram que não usam esse tipo de linguagem na sala de aula.
Não participação das aulas ou desistência pelo facto de não te expressar bem na norma padrão do português	No que toca a esta questão, todos estudantes afirmaram o facto de não se expressar bem na norma padrão do português não é motivo para não participares das aulas ou desistires da escola.

O quadro acima ilustra as respostas dos alunos, sobre as questões colocadas, analisadas posteriormente.

Sobre a primeira questão, os alunos desta instituição escolar já ouviram falar do preconceito linguístico, mas ainda assim é necessário tenham mais conhecimento relativamente a este fenómeno, ou seja, ter mais informações relevantes, do ponto

vista deste tipo de preconceito para que possam identificá-lo nas suas diversas manifestações na escola e não só.

Quanto a segunda questão, a maioria dos alunos afirmaram que já sofreram algum preconceito por falar de modo diferente ou errado, torna-se imperativo, principalmente da parte dos professores falarem sobre as causas e os efeitos deste fenómeno no contexto escolar, para que não haja casos que depois podem resvalar em bullying, ou ausência dos alunos visados nas aulas, o que pode resultar em desistência ou abandono escolar. O aluno que a sua forma de expressão é discriminada não tem motivação para assistir as aulas ou conviver com os seus pares.

Em relação a terceira questão, os alunos não sentem desconforto ao serem corrigidos pelo professor na presença dos outros colegas, isso revela que os estudantes estão conscientes dos seus erros e que estão dispostos a aprender falar corretamente a língua portuguesa.

Para a quarta questão, maior número afirmaram que já presenciaram algum colega sofreu preconceito por falar com sotaque regional. Nota-se com alguma intensidade a discriminação daqueles que se expressam com sotaque regional. A escola tem uma quota parte nessa discriminação por causa de alguns professores pautarem por práticas tradicionais no ensino, ou seja,

Durante as aulas, dá-se grande foco à classificação do que é certo e do que é considerado errado, marcas impregnadas pelo ensino tradicionalista que se revigoram de tempos em tempos, no qual os alunos são os principais a sofrer seus reflexos, principalmente os provenientes de regiões diferentes, fazendo parte de um ensino carregado de preconceito linguístico, algo que pode causar um certo desconforto no processo de aprendizagem desses alunos (Maciel, 2014, p.10).

Deste modo, a escola deve ser o baluarte de ensino pautado por práticas pedagógicas modernas e progressistas para evitar o preconceito baseado na língua.

Diante da situação, foram ainda questionados se terão intervindo para evitar tal situação, a maioria alunos nada disseram a respeito, Neste quesito, os professores de língua portuguesa devem trabalhar, arduamente, no incentivo à leitura, compreensão e produção de textos, para que os alunos tenham maior capacidade de argumentação, visto que houve um défice nas respostas desta questão. Outros, no entanto, afirmaram ter chamado atenção aos colegas, mas, sobretudo, que não zombassem com os mesmos, e sim, fossem ensiná-los a pronunciar melhor as palavras em português. Ao mesmo tempo, ao colega que sofreu o preconceito, aconselhou-se que não se afligisse, ou se sentisse diminuído pois, a vida em sociedade tem dessas coisas.

Relacionado com a quinta questão, o número maioritário de alunos responderam que usam o calão e a gíria na sala de aula, porém é preciso entender que os alunos dispõem de várias formas de expressão, acabe ao professor orientar que as variem-

dades linguísticas são articuladas em função do contexto, neste caso concreto, os alunos deviam se expressar na linguagem corrente, tendo conta que a escola é o espaço por excelência onde se usa este tipo de linguagem. Mas, também

*o reconhecimento de muitas variedades linguísticas diferentes é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o facto comprovado de que a norma linguística ensinada na sala de aula é, em muitas situações verdadeira “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no quotidiano é uma variedade estigmatizada de português [...] (Bagno, 2011,p.32).*

Relativamente a sexta e última questão, para estes estudantes não encaram como um obstáculos a assistência as aulas, e igualmente, motivo de desistência da escola, o facto de não se expressarem corretamente na norma padrão, logo não constitui motivo de desistência.

Relativamente às respostas que foram dadas pelos professores e alunos que participaram da pesquisa, nota -se que têm pouca informação a respeito deste fenómeno, sobretudo por parte dos alunos. É fundamental que os professores e alunos tenham mais informação sobre este fenómeno, para que haja mais conscientização em relação as causas e as consequências, que têm afectado muito alunos, isso passa por palestras, debates, trabalhos escolares e peças teatrais que abordem o assunto. Deste modo, a escola estará a prevenir e combater o preconceito linguístico, e consequentemente a exclusão social no sistema educativo.

É importante realçar o papel da família, pois é o núcleo fundamental da sociedade e onde o indivíduo começa a dar os primeiros passos para a vida em comunidade, ou seja, é o primeiro espaço de socialização, logo é nesta entidade onde a criança deve aprender a ser tolerante e não preconceituosa, e encarar a variedade linguística e a diversidade cultural como algo normal e natural. Igualmente, meios de comunicação social têm também um papel preponderante, visto que atingem maior parte da população, portanto os diversos meios de difusão massiva, principalmente, podem inserir na sua grelha de programação temas que retratam o preconceito linguístico, para que as pessoas, sobretudo estudantes; estejam a par deste mal que assola a muitos

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito linguístico é baseado na língua, pois é a depreciação da fala do outro. Ele está presente em todas sociedades, particularmente nas instituições de ensino, umas com mais incidência, enquanto que noutras não. Além disso, o preconceito linguístico é pouco perceptível no contexto educativo luandense e poucas vezes é referenciado, excepto pelos académicos.

Muitos alunos são motivo de situações incómodas por causa da sua forma de falar que se afasta da norma padrão, e muitas vezes os professores não tomam medidas para que situações desta natureza não se repitam no contexto escolar. Os alunos afectados por este mal sentem-se diminuídos psicologicamente, ou seja, inibidos em participar nas actividades escolares e extra-escolares, o que resulta em reprovações e, em casos mais extremos, abandono ou absentismo escolar. Entretanto, pode -se tomar algumas medidas e que postas em prática podem diminuir este tipo de preconceito, e deste modo ter-se um ambiente escolar saudável onde todos os alunos se sintam parte integrante sem preconceito, discriminação e exclusão.

No toca à pesquisa que foi feita na Escola no Complexo do Iº e IIº Ciclos da Centralidade do Zango 8000, constatou -se que primeiramente que os professores têm consciência que o preconceito linguístico existe nas escolas, igualmente apontam soluções que se colocadas em prática podem diminuir este fenómeno no contexto escolar. Os alunos também estão alinhados na mesma senda. Entretanto, é necessário que haja mais informação sobre este tipo de preconceito para que possa, efectivamente, ser identificado, e deste modo combatê -lo.

Precisa-se tomar consciência de que o preconceito linguístico existe nas salas de aula da cidade capital, e muitos alunos e professores sofrem com isso. Portanto, urge a necessidade constante de explicar, principalmente, aos professores de Língua Portuguesa, que a língua tem uma variante padrão e que outras variedades igualmente são aceites na comunicação, porém utilizadas em função do contexto. Logo, é preciso chamar atenção aos alunos que os seus colegas que se socorrem de outras variedades do português, não significa dizer que estão a seguir o certo ou errado, mas estão a usar a variedade do português em função das suas necessidades. Por exemplo, se um estudante for ao mercado paralelo, não vai usar o português padrão para contactar uma vendedora ou vendedor, mas vai se socorrer ao nível da língua popular que é mais usual nesse lugar.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abraçado, J.(2008). Cardernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário, nº 36, pp. 11-26, 1. sem. 2008 11, entrevista com Scherre. Disponível em [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64619535/entrevista-scherre-concordancia-preconceito\\_linguistico-libre.pdf?1602084335=&respo](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64619535/entrevista-scherre-concordancia-preconceito_linguistico-libre.pdf?1602084335=&respo).

Angola. (2016). Resultados definitivos do recenseamento geral da população e habitação de Angola 2014. Luanda: INE.

Álvares, C.(2001). *Uma Introdução ao Estudo do Texto Literário : noções básicas de linguística e literariedade do básico ao secundário*. 1ª ed. Lisboa : Didáctica editora.

Azevedo, F. J. F.(2010). *Metodologia da Língua Portuguesa*. 1ª ed, Porto: Plural Editores.

Araújo, A.P(2017). *Preconceito Linguístico no Ambiente Escolar*.Disponível em <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/sophiauta/Letras/TCC+on-line/TCC+Alene.pdf>.

M.(2011).*Preconceito linguístico/ o que é, como se faz*. 54ª ed.. São Paulo: Edições Loyola, São Paulo.

Carvalho, P.(2004). *Exclusão Social : o caso dos deficientes físicos de Luanda(Tese de Doutoramento)*.Lisboa: ISCTE.

Fernandes, A. do N.(2013).*O Preconceito Cultural e Linguístico na Escola Portuguesa*. Lisboa:Universidade Aberta (Dissertação de mestrado, Universidade Aberta). Disponível em [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2601/1/TMPLNM\\_AnabelaFernandes.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2601/1/TMPLNM_AnabelaFernandes.pdf).

Gil, A. C.(2019)*Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.

Júnior, D. M. de A.(2012).*Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia* (col.Preconceitos, v.3). 2ª ed.São Paulo:Cortez Editora.

Maciel, L. S.(2014). *O Preconceito Linguístico e a sua Relação com a Aprendizagem de Alunos do 7º Ano*.(Monografia, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB). Disponível em <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/5747/1/Tcc%20completo.pdf>.

Ó'Neill, P. e Massini – Cagliari, G. (2021).A Discriminação e o Preconceito Linguísticos no Português Brasileiro e Outras Línguas: sugestões e recomendações/ Português. Revista Diálogos (RevDia). v. 9. n. 3.pp.212-244. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/13117/10172>.

Stenzel, A.; Stenzel, A.(2017). *O Preconceito Linguístico e a Sala de Aula*. Disponível